

# PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X,



Anno III

Florianopolis, 11 de Outubro de 1919

Num. 8

## O REI E O SAPATEIRO

(Reproduco da poesia de Bulho Pato)

Anoitecia... O sol, ainda um tanto visivel, estava prestes a desaparecer no horizonte.

A pequenina Lily estava brincando, com seu cãozinho, na branca areia da praia, onde, docemente, vinham bater as ondas.

Vendo a pequena que o sol já se escondia, dirigiu-se para sua avzinha que estava  porta da cabana, fazendo meias, e disse-lhe, com toda a ternura que possa ter um coração infantil: «Avzinha, conta-me uma das tuas bellas historias, sim, vov? Eu gosto tanto de ti!...» E, dizendo isto, atirou-se ao collo de sua avzinha e abraçou-a. A velhinha, que nada podia negar  pequena, que era toda a sua alegria e consolo, começou:

«Havia numa cidade um pobre sapateiro, que, com o pouco dinheiro que lhe proporcionava a sua profissão, sustentava sua mulher, uma pobre creatura que costurava noite e dia, e seus quatro filhinhos. Sentado no seu cantinho o pobre sapateiro trabalhava noite e dia, e, para alliviar a sua tristeza, cantava:

Ribeiros correm aos rios,  
Os rios correm ao mar;  
São tudo leis deste mundo  
Que ninguem pde atalhar:  
Quem nasce para ser pobre  
Não lhe vale o trabalhar!»

Aconteceu, porém, uma vez que, quando o sapateiro cantava estes versos, passa o rei. Este, que era muito caridoso, sahia toda a tarde do seu palacio, disfarçado em simples camponez, para assim praticar a mais bella de todas as virtudes — a caridade.

O rei, ouvindo o pobre cantar aquillo,

voltou pressuroso a seu placio e ordenou a seus copeiros que preparassem um grande bolo e nelle collocassem algumas moedas de ouro.

No outro dia estava o sapateiro no seu trabalho quotidiano, quando chega o copeiro e entrega-lhe um grande bolo; mas o pobre, não sabendo o que o bolo continha, deu-o a um seu vizinho, que muitas vezes o auxiliava em suas necessidades.

O rei, querendo ver a alegria do pobre vassallo, passou novamente pela casa onde elle morava. Qual não foi o espanto e admiração do rei, porém, quando ouviu o pobre cantar os mesmos versos que antes o tinham commovido!...

Indignado, voltou a seu palacio, e, mandando chamar o sapateiro, perguntou-lhe: «Que fizeste do bolo que te mandei?»

— «Vossa Majestade gosta de praticar a caridade,» respondeu elle, «e eu o admiro por isso, e gosto tambem de praticar tão grande virtude: o bolo que Vossa Majestade me enviou... ai! não me condemne, entreguei a meu vizinho»...

O rei então mandou buscar um sacco cheio de moedas de ouro e entregou-o ao pobre homem, que v, repentinamente, o medo e espanto transformados na mais doce alegria. Mas... oh! desgraça! O homem deu alguns passos, e, de repente, cahiu, para nunca mais se levantar!

O rei, approximando-se do corpo inanimado, abriu-lhe a mão para tirar o sacco, e encontrou, juntamente com este, um bilhete, no qual estava escripto o seguinte:

«Eu nasci para ser pobre, porém quizeste fazer-me rico; eis-me agora aqui morto; d-me a vida, si puderes!...»

A pequena Lily, porém, não tinha ouvido as ultimas palavras de sua avzinha:

## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno . . . . . 4\$000  
 Mez . . . . . \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

havia inclinado a pequena cabeça sobre os hombros da velhinha, e adormecera.

A lua vinha surgindo com todo o seu esplendor! A velhinha, então, recolheu-se, levando para a sua caminha, com todo o cuidado, aquella que era a sua unica e real consolação.

Dione.

## Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de Edésia Aducci

—o—

PERSONAGENS:

*D. Emilia Dabben*, baroneza.  
*Zuleika*, sua filha.  
*Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna*, creadas  
*Baroneza Flériot.*  
*Condessa Zurbaran.*  
*Wilma*, amiga de *Zuleika*.

SCENA V

As precedentes, *Zuleika* e *D. Emilia*.

*Zuleika* — (espia pela porta e depois grita para fóra) Mamãe, aqui se esconderam as fidalgas que nos visitaram, há pouco!

*D. Emilia* — (entrando, um tanto ironica) Mas por que se esconderam aqui as illustres fidalgas?! (Fingindo-se admirada) Como?! A marquezã e sua filha, e até S. Alteza, já se transformaram em *Genoveva, Anastacia* e *Anna*?

*Zuleika* — Que succederá com ellas agora, mamãe? (*Amelia* faz signal ás tres, para que falem, porém não lhe obedecem.)

*D. Emilia* — Sinto muito não terdes cumprido as condições que vos impuz, porque assim não posso fazer o que exigistes. Não é verdade que nem por meia hora pudestes portar-vos como fidalgas, e que não gostastes do estado que tanta inveja vos fazia? (Ellas dizem, com a cabeça, que sim.) Digo-vos, portanto, que não podeis ficar commigo sino até o dia 1.º do mez vindouro.

*Genoveva* — (chorando) Ora seja! Como pode a patrãoa fazer isto com uma velha de 68 annos, que a serve ha quasi 50?

*Zuleika* — (pezarosa) Mamãe, talvez a boa *Genoveva* possa ficar commosco...

*D. Emilia* — *Genoveva*, não foi você que

queria ir embora, si eu não lhe dêsse, diariamente, certo numero de ovos e certa quantia em dinheiro.

*Genoveva* — (chorosa) Eu não quero nada, nada mais; quero só ficar com a patrãoa e com o meu Miguel.

*D. Emilia* — Pois bem, *Genoveva*, fique; mas a viagem pelo ar não se realizará! (Ri ás ultimas palavras.)

*Genoveva* — Tambem não quero mais viajar pelo ar; é muito melhor tratar bem dos pintinhos e das gallinhas. (Alegre) Eu lhe agradeço, minha boa senhora! Ora seja! (Beija a mão de *D. Emilia*.)

*Zuleika* — E que vae ser de *Anna*, mamãe?

*D. Emilia* — *Anna* sahirá daqui no principio do mez que vem.

*Anna* — (atrapalhada, quasi a chorar) Mas... sra. patrãoa, eu queria... eu peço...

*Amelia* — Creio que *Anna* tambem gostaria de ficar, si eu não ralhasse tanto com ella d'ora em diante.

*D. Emilia* — Mas não posso pagar-te mais, do que pago!

*Anna* — (chorosa) Não é preciso mesmo, sra. patrãoa; estou bem contente com o meu ordenado.

*D. Emilia* — E já sabe que não se tornará minha irmã?

*Anna* — (envergonhada) Não faz mal, sra. patrãoa; já tenho muitas irmãs em casa.

*D. Emilia* — Então está combinado: *Anna* e *Genoveva* podem ficar; *Anastacia*, porém, deve ir embora no dia primeiro.

*Anastacia* — (com orgulho) Eu queria ainda experimentar si a Sra., *D. Emilia*...

*D. Emilia* — (severa) Como! *Anastacia*?! Você, que virou a cabeça das outras, ainda não se humilha?! Fique certa, porém, de que não pretendo fazer nova experiencia! Facilmente arranjaréi outra creada em seu lugar!

*Anastacia* — (chorando) Que será de mim então?

*Genoveva* — Ora seja...

*Anna* — (dando um empurrão em *Anastacia*) Pois pede perdão á sra. patrãoa, mulher!

*Zuleika* — Querida mamãe, tenha pena tambem de *Anastacia*!

*Amelia* — Sra. patrãoa, *Anastacia* não é tão má como parece; ella é um pouco exaltada e orgulhosa, é verdade, mas talvez agora melhore.

*D. Emilia* — Pois si quer melhorar, que fique; experimental-a-emos por tres mezes; mas não augmento o seu ordenado.

*Anastacia* — (chorando) Eu fico, mesmo sem o augmento.

## DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

6) LOGOGRIPO

Não corra, minha senhora — 6,7,7,9

Por uma arma offensiva — 1,9,7,8,6

Esta fructa vou trocar. — 9,5,9,8,6

Pois, sendo homem robusto,—4,6,5,5,9  
Foi sempre a minha divisa—1,2,3,3,9  
A mulher eu amparar.

Quer seja rica ou bem pobre,  
Merece veneração:  
Sentimos por ella, ás vezes,  
Eterna recordação.

A. M.

7—9) SYNCOPADAS.

- 3—Estava o sol no occaso, quando lar-  
guei a vasilha — 2.  
3—Nesta embarcação ficarei com rai-  
va — 2.  
3—Com raiva nada se faz direito, me-  
nina! — 2.

E. A.

10—12) NOVISSIMAS

- A tartaruga que estava ali entrou na  
embarcação — 2,1  
Não é boa a planta cultivada por esse  
aldeão — 1,2  
Com effeito! o animalzinho deu para brin-  
cadeira — 2,3.

I. A.

1) H. ABT

# LABIOS MUDOS

(Tradução de Nora Sanfelice)

«Lothar, barão v. Planegg, tem a hon-  
ra de aceitar o amavel convite.»

Escripto está o cartão; falta só fechar  
o envelope e escrever o endereço: «Senhor  
commendador Henning» — e dar uma especial  
importancia ao todo, pelo selo significativo!

Os Henning não são insensíveis aos fei-  
daes brazões, como o dos Planegg, e, afinal  
de contas, o amor se paga com o amor.

Com o riso nos labios o bacharel procura  
o sinete em sua secretária. Elle quasi nun-  
ca o usa. Hoje, porém, o sinete lhe é indis-  
pensavel, pois este cartão, tão innocente na  
apparencia, é na verdade um negocio de mui-  
ta importancia: isto se sabe em casa dos Hen-  
ning tão bem como elle proprio. Aceitando  
o convite para a simples ceia em familia,  
elle não ignora que o generoso manjar que  
lhe hão de offerecer naquella casa hospita-  
leira é a mão de *mademoiselle* Isabella Hen-  
ning.

O riso sarcastico passa novamente pelos  
seus labios: Isabella será minha!

Demais, o não pequeno dote com que o  
commendador presenteará a filha no dia do  
casamento, já é por si bem attrahente.

Mas, onde se terá mettido o sinete? Prin-  
cipia a assobiar uma marcha qualquer, em-  
quanto suas mãos remexem as gavetas. Deus  
meu, onde estará o sinete? No convite do  
commendador não estaria escripto tão cordial-  
mente «meu querido bacharel», si sobre o ba-  
charel não pairasse invisivelmente a corôa de  
barão.

Fecha uma gaveta e abre outra. O sinete  
desapparecido começa a aborrecer o bacharel.  
E elle se recorda perfeitamente de o ter visto  
quando, há bem pouco tempo, mudara de ca-  
sa. Depois daquelle dia não o precisára mais.

Quando mudára de casa! Os labios aper-  
tam-se, o rosto com as linhas energeticas tem  
um quê de gélido, e as mãos remexem, cada  
vez mais nervosas, ora uma gaveta, ora ou-  
tra. Emfim encontrou num canto o sinete,  
mas nelle ficou preso qualquer objecto, que  
elle puxa tambem para fóra — uma fita de se-  
da lilaz desmaiado, com uns botõesinhos de  
rosa e uma pequena mascara.

Com impaciencia arranca o bacharel o  
sinete, joga os não desejados penduricalhos  
na gaveta, endireita a carta, accende a vela e  
pega no lacre e no sinete, mas... logo depois  
os põe de lado sem os ter usado, e tira nova-  
mente a fita e a mascara da gaveta.

—Que transtorno cahir-me isto agora nas  
mãos!...

Elle nem se lembrava mais que ainda  
tinha aquella mascara, e agora tem uma sen-  
sação vexada, como si não devesse mandar  
aque'lla carta, enquanto a recordação daquelle  
baile de mascara estivesse em sua escrivani-  
nha.

—Acabarei com tal lembrança, atirando-  
a ali nas chammas que crepitam no fogão!

Porém elle não se dirige ao fogão: lan-  
çando-se em uma cadeira, fica a mirar aquelle  
objecto que lhe traz tão doces recordações.

Um rosto hirto, circundado de bellos ca-  
chos; um rosto que não trahe as paixões... o-  
lheiras mortas e uma bocca semi-aberta...

Para essa bocca olha o bacharel. Labios  
mudos! pensa lá comsigo, mas não — em torno  
delle principia de repente a falar: as vozes  
da recordação resuscitam, trazendo dias pas-  
sados e esquecidos — um anno inteiro de sua  
vida, o mais silencioso e mais frugal, porém  
talvez o mais feliz de todos os annos que tem  
vivido.

E o moço fica a scismar...

Tudo era tão modesto, tão trivial! Du-  
rante muito tempo tinha procurado uma ha-  
bitação que lhe offerecesse descanço, do qual  
necessitavam os seus nervos irritados pelos  
exames, e afinal tinha encontrado o que pro-  
curára: um quarto muito commodo, com sahi-  
da para um grande jardim, em casa de uma  
senhora edosa. Senhora Dr. Langebiel cha-  
mava-se, e na verdade não tinha apparencia  
de um nome tão simples e plebeu. Não era  
mesmo este o nome que sempre usára; des-  
cendia ella de uma nobre e aristocratica fami-  
lia, que se tinha desprendido della totalmen-  
te, quando se casára com o professor de seus  
irmãosinhos. Isto acontecera há uns 20 an-  
nos, e há mais de seis annos que o Dr. Lan-  
gebiel morreu, tendo a viuva, então, de ar-  
ranjar um meio de subsistencia para si e pa-  
ra a filha.

Depois de ter tomado posse de seu quar-  
to, fizera a primeira visita á casa da aluga-  
dora, e esta lhe apresentára a jovem que es-  
tava a seu lado.

Malve não era uma belleza, e no entanto elle ficou encantado por ella, desde que seus profundos e brilhantes olhos azues o fixaram pela primeira vez. E depois, seu sorriso innocente e um tanto acanhado, cheio de fé no céo e na terra, tornava-a encantadora.

— Nós nunca damos *soirée*, portanto não o posso convidar para uma; porém quando tiver o desejo de tomar uma chavena de chá conosco, há de ser cordialmente recebido, disse-lhe a Sra. Langebiel, quando elle se despediu.

Uma semana mais tarde batêra elle novamente á sua porta.

— Tomei a serio suas palavras, minha Senhora, e venho tomar uma chavena de chá em sua companhia.

A velha senhora recebeu-o como um antigo conhecido, e Malve collocou-lhe uma cadeira ao lado da mesa em que trabalhava.

(Continúa)

### 5) ANCILLA DOMINI

## Eugenio e Celina

Um anno apenas se tinha escoado quando começou a mais tyrannica das perseguições á pobre Celina. Eram increpações incessantes, queixas, ralhos, mas a moça não cedia, sem contudo revelar o motivo de sua insuperavel aversão por esse consorcio.

— E's uma desalmada, — dizia D. Emilia á filha, — não tens piedade dos filhinhos de tua irman, não tens coração para a tua desgraçada e triste mãe!

— Minha mãe! — exclamava a misera, já farta de ouvir as mesmas lamurias — Eu já lhe disse mil vezes: não me casarei nunca com Augusto, nunca! nunca! Convença-se disso e não me atormente mais inutilmente.

— Oh! filha ingrata! oh! filha rebelde e má! Lucinda nunca me respondeu assim, era docil, submissa e boa a minha Lucinda querida. Mas tu?... queres tornar-me perjura... não sabes que jurei á tua irman no leito de morte que havias de ser mulher de Augusto? E' tão certo que me debes obediencia e que sou tua mãe, como que este casamento se ha de realizar... sob pena de minha maldi...

— Pelo amor de Deus, minha mãe, não diga isso! — exclamou a moça aterrada. — Não se tornará perjura, mamãe, pois que aquelle juramento nenhum valor tem, a Sra. não podia dispor do que não lhe pertencia: da minha vontade! Essa vontade jamais se sujeitará á união que a Sra. exige, embora me custasse a morte essa resolução.

Completamente fóra de si pôz-se a senhora a dizer mil maldições e improperios: máus tratos, pressão de toda a especie, tudo encontrava um coração forte e resolutivo.

Mas quanto soffria a pobre Celina! Nesse tempo, trevas espirituaes cobriam-lhe a alma, foi-se a infantil confiança, a devoção se lhe tornara arida e sem consolo, e luta continua e exhaustiva prostrava-lhe as forças. E ella que até então não sabia o que era odio tinha que combater em si esse amargo sentimento pelo cunhado.

Bem percebia ella que, aproveitando Augusto o estado nervoso da sogra, fazia-lhe terrivel pressão sobre o animo meio desequilibrado: ameaçava-a de levar os filhos, si D. Emilia não lhe dêsse Celina, e pintava com negras côres o futuro das crianças, com uma madrasta qualquer; emfim, era elle quem mais atiçava a mãe contra a filha.

Augusto era desses para quem os obstaculos mais aguçam a vontade; jurára a si proprio desposar Celina, e a reluctancia da moça, longe de o demover, mais incremento dava á paixão que o dominava inteiramente.

— Como podes fazer tão indigno papel? perguntou-lhe um dia Celina; — não vês que a minha pobre mãe já está ralada de soffrimento, não percebes que os seus nervos super-excitados pouco mais resistirão?

— A culpa é só tua. Porque não cedes?

— Porque? E ousa o Sr. ainda me perguntar porque? Pois ouça-me uma vez por todas: ainda mesmo que eu desejasse muito casar, nunca o acceitaria por marido, porque o desprezo, porque o Sr. é indigno de estimar!

— Celina! Não desesperes a minha paixão! Eu soffro o inferno por tua causa, não tenho creanças, não tenho esperança nenhuma de uma vida futura. E's o unico Deus que a minh'alma adora. Ah! si soubesses o martyrio que soffri em todos esses annos, casado com Lucinda, quando eras tu, adorada, o meu unico e verdadeiro amor?

— Cala-te, Augusto, não quero ouvir essas palavras que considero offensivas. Out'ora eu te dedicava fraternal affecto, mas o teu procedimento inexplicavel varreu de minh'alma todo sentimento de amizade! E sabe Deus a luta que hei commigo travado afim de não te odiar. Quero no entanto tua felicidade neste mundo e principalmente no outro, esquece-me, desiste desse teu projecto inexecutable.

— Nunca! Seja embora contra tua vontade, has de ser minha esposa, juro-te!

— Isso é que nunca! — retrucou a moça.

— Veremos! veremos quem pode mais!



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianopolis  
Rua 28 de Setembro N.º 8.